

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO ÂMBITO ESCOLAR: REFLEXÕES À LUZ DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Yrlan Henrique dos Santos Costa¹

Adriano Alves Barboza²

André Fernando de Oliveira Fermoseli³

Psicologia



cadernos de
graduação

ciências biológicas e da saúde

ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

O tema “Dificuldades de aprendizagem” comumente gera algumas controvérsias por parte dos agentes de ensino. Grande parte destes atribuem o fracasso escolar ao próprio aluno, como se houvesse um agente causador interno que faz o aluno não “querer” aprender, utilizando-se de descrições como “desmotivação do aluno”, “falta de interesse”, entre outras. Nessa perspectiva, o presente estudo visa ter um olhar baseado numa análise de contingências sobre quais variáveis podem comprometer a realização de determinadas tarefas no ambiente escolar. Uma revisão de literatura integrativa foi conduzida, utilizando artigos teóricos e empíricos, seguindo os princípios norteadores da Análise do Comportamento. Enquanto resultados, segundo esta abordagem, dificuldades de aprendizagem não são vistas como inerentes ao aluno, mas sim, enquanto um conjunto de comportamentos que ocorrem em função de uma relação do indivíduo com seu ambiente. Para além dessas conclusões, esse trabalho também tem por objetivo instigar os leitores para a produção de pesquisas que envolvam outras populações, por exemplo, em alunos que apresentam dificuldades geradas por uma interação entre fatores biológicos e comportamentais, tais como dislexia, dislalia etc.

PALAVRAS-CHAVE:

Dificuldades de aprendizagem. Ambiente escolar. Análise do Comportamento.

ABSTRACT

The "Learning difficulties" subject usually generates some controversy by the teaching agents. A big part of these agents attribute the scholar failure to the students themselves, as some inner causing agent would make the student not "want" to learn, using descriptions as "student's demotivation", "lack of interest", among others. From this perspective, the current research aims to provide a look based on an analysis of contingencies about which variables can compromise the accomplishment of some tasks at the scholar environment. An integrative literature review was conducted, using theoretical and empirical articles, following the guiding principles of the Behavior Analysis. While results second, according to this approach, learning difficulties are not seen as inherent to the student, but instead, as a set of behaviors that are occurring as a function of a relationship of the individual with his environment. Beyond these conclusions, this work also has as a task to instigate readers for the production of research involving other populations, for example, students that show difficulties generated by an interaction between biological and behavioral variables, such as dyslexia, dyslexia etc.

KEYWORDS:

Learning disabilities. Scholar environment. Behavior Analysis.

1 INTRODUÇÃO

"Dificuldades de aprendizagem" no âmbito escolar é uma temática bastante pertinente devido à grande divergência de opiniões apresentadas por educadores em relação ao que seria o fracasso escolar e que variáveis influenciariam neste processo.

Em uma pesquisa feita pelo sistema de avaliações "Prova Brasil", em 2011 nas escolas públicas do Estado de Alagoas, professores responderam, por meio de questionários, sobre questões relacionadas ao ambiente de ensino-aprendizagem. A pesquisa afirma que "Todos os professores de turmas que participaram da Prova Brasil responderam um questionário de 152 perguntas que tratam do seu perfil, das condições de trabalho, práticas pedagógicas, e percepção sobre o aprendizado dos alunos" (FUNDAÇÃO..., 2011).

Com 14 perguntas concernentes à percepção sobre as causas das dificuldades de aprendizagem, contendo opções como "concordo" e "discordo", não havendo relação de percentual uma com a outra, têm-se estas como destaque: 94% concordaram que as dificuldades de aprendizagem ocorriam devido ao desinteresse e à falta de esforço do aluno, 85% afirmaram o meio em que o aluno vive como causa, 81% acreditam que isso seja decorrente do nível sociocultural dos pais e 73% relataram baixa autoestima do aluno como causa (FUNDAÇÃO..., 2011). Entretanto, realizar uma análise das dificuldades de aprendizagem com base em elementos do próprio ambiente escolar é um passo importante para a sua modificação.

A Análise do Comportamento, que tem como filosofia o Behaviorismo Radical, cujo proponente foi B. F. Skinner, fornece explicações, as quais ajudam a compreender, analisar e intervir nos fatores que desfavorecem o aprendizado do aluno, alegando que o fracasso escolar não está dentro do sujeito, como um agente causador e metafórico como a “mente”, mas sim nas variáveis das quais o comportamento é função. Estas explicações que atribuem a incapacidade de o aluno aprender a fatores internos, não avançam na investigação destas variáveis e encobrem as verdadeiras “causas” do fracasso de um aluno em desempenho escolar (PEREIRA; MARINOTTI; LUNA, 2004).

É importante deixar claro que, para esta abordagem, não são negligenciados fatores orgânicos do aluno (como ocorre, por exemplo, no caso da dislexia), pois estes, também interferem no comportamento do sujeito. Como afirmam Hubner e Marinotti (2004, p. 308).

Não se trata de negar que déficits de repertório apresentados pela criança e/ou condições orgânicas atípicas interfiram no aprendizado. Tal negação seria, inclusive, incompatível com uma abordagem que tem, como um de seus alicerces mais sólidos, a premissa de que é na interação organismo-ambiente que se dá a aprendizagem. Portanto, este processo é afetado tanto por condições de quem aprende, como pelas características do ambiente de aprendizado.

A despeito de a Análise do Comportamento ser de grande relevância para a identificação, previsão e modificação dos fatores que interferem na aprendizagem escolar, há uma grande resistência por parte de educadores na utilização de procedimentos comportamentais. Isso se dá devido a uma grande disseminação de conceitos equivocados e deturpados sobre as verdadeiras contribuições que esta abordagem oferece, feita pelos próprios livros de psicologia da educação (GIOIA, 2004).

Portanto, o objetivo deste trabalho é tratar do tema “dificuldades de aprendizagem”, buscando assim verificar a forma de como o analista do comportamento compreende os processos comportamentais e os fatores que podem interferir no contexto de ensino-aprendizagem. Para isso, inicialmente, será demonstrada uma visão geral da ciência do comportamento, visão esta que embasa a prática do psicólogo comportamental, partindo em seguida para a exploração do tema com base nos artigos obtidos por meio da metodologia proposta.

Acredita-se que este trabalho possa contribuir tanto para um melhor entendimento sobre as reais variáveis que levam ao baixo aprendizado no ambiente escolar, bem como disseminar, de maneira adequada, a visão desta abordagem sobre o assunto. Isto pode contribuir, por outro lado, para que profissionais envolvidos com o trabalho em ambiente escolar possam, mais adequadamente, analisar comportamentos a partir de sua função, numa perspectiva de interação entre organismo e ambiente.

2 METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão de literatura integrativa com publicações que abordassem teórico e empiricamente questões relacionadas às dificuldades de aprendizagem sob a ótica da Análise do Comportamento. Este tipo de revisão permite elaborar uma síntese de várias publicações, construindo uma análise ampla da literatura existente investigando estudos relevantes, tendo como propósito a obtenção do maior entendimento sobre determinado tema, baseando-se em estudos anteriores (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Foram investigados livros, monografias e artigos redigidos em língua portuguesa encontrados em bases de dados e bibliotecas eletrônicas (periódicos CAPES e BVS-psi, SciELO e PePSIC). Dos estudos pesquisados para compor esta revisão foram incluídos apenas os referentes ao tema proposto sob a ótica da Análise do Comportamento, sendo selecionados artigos teóricos e empíricos por meio dos títulos e leituras dos resumos, publicados no contexto brasileiro entre os anos de 2003 a 2014.

Para busca das publicações, foram utilizados os seguintes descritores: dificuldades do aprendizado; aprendizagem instrumental; Behaviorismo; psicologia comportamental; baixo rendimento escolar; educação.

3 UMA CIÊNCIA DO COMPORTAMENTO

Atualmente, podemos encontrar vários tipos de explicações para os fenômenos que nos circundam, sejam eles de natureza conhecida ou do que por muitos é chamado "desconhecido" ou "inexplicável", baseados em vários tipos de conhecimentos, tais como: o conhecimento do senso comum, que é produzido por pessoas em geral, herdado de avós, pais, filhos etc.; o conhecimento filosófico, produzido por filósofos, com questões da essência e natureza das coisas; o conhecimento religioso, produzido por padres, clérigos, sacerdotes etc., explicando os fenômenos como sendo de origem sobrenatural e divina, e por fim, tem-se o conhecimento científico, produzido de forma a zelar pelo método rigoroso na busca por explicações dos mais variados fenômenos da natureza (MOREIRA; HANNA, 2012).

A ciência do comportamento, denominada de Análise do Comportamento, se encaixa no tipo conhecimento científico, que preza pelo rigor na busca de dados que confirmem hipóteses formuladas pelos cientistas do comportamento.

A Análise do Comportamento se baseia pelo paradigma de seleção por consequências, na qual há uma analogia entre a seleção natural e seleção operante do comportamento. Baum (2006) afirma que enquanto a seleção natural ocorre em uma população de indivíduos que se reflete na história da espécie, a seleção operante ocorre em variações de comportamentos durante a história de vida do organismo. Enquanto no primeiro, população de indivíduos de determinadas espécies que se encontram em maior aptidão para sobrevivência são selecionados, no segundo, comportamentos são selecionados no ambiente e passam a ter maior probabilidade de ocorrer novamente, por serem adaptativos àquele contexto.

O processo de seleção por consequências enfraquece, conseqüentemente, a noção de um agente interno, iniciador de ações em um indivíduo que ocorre de maneira isolada e descontextualizada. Como alternativa à explicação de um agente interno, Skinner (2007-1981) afirma que o comportamento é selecionado por três níveis de variação e seleção. Em primeiro lugar, temos os comportamentos que são resultados pelo processo de evolução das espécies. Em segundo, temos aqueles que são adquiridos por meio do condicionamento operante no decorrer da vida de um indivíduo. E por fim, temos os comportamentos em que contingências são mantidas por meio de um ambiente cultural evoluído.

A despeito da grande importância de os três níveis serem estudados, a intervenção, para a Análise do Comportamento se dá, basicamente, no segundo nível, em que há o condicionamento operante. Em comparação ao condicionamento respondente, onde respostas previamente preparada pela seleção natural ficam sob o controle de novos estímulos, no condicionamento operante comportamentos são fortalecidos ou enfraquecidos de acordo com suas consequências (SKINNER, 2007-1981).

Portanto, num respondente que é considerado involuntário, uma resposta é eliciada por um estímulo incondicionado. Por meio do emparelhamento de um estímulo neutro com um estímulo incondicionado, posteriormente o neutro passa também a eliciar respostas no organismo; porém neste tipo de condicionamento, a resposta sempre é a mesma. No operante, que é considerado voluntário, a resposta é emitida em determinado contexto, produzindo consequências que podem aumentar (reforçadoras) ou diminuir (punitivas) a probabilidade de ocorrência de comportamentos futuros; dessa forma, as respostas podem ser diferentes em um mesmo contexto ou em contextos similares. Então, em vez de o comportamento ser determinado apenas por estímulos ambientais, o indivíduo passa a agir sobre o mundo modificando-o e sendo modificado pelas consequências de suas ações (SKINNER, 1957).

Henklain e Carmo (2013) afirmam que embora seja importante estudar as relações entre comportamentos respondentes em vários aspectos teóricos e práticos, dá-se uma maior ênfase no estudo dos operantes, por este ter uma relação direta com os temas mais complexos sobre as ações que emitimos em nosso cotidiano.

[...] o operante deve operar sobre a natureza para produzir seu reforço. Embora a resposta seja livre para ocorrer em um grande número de situações estimuladoras, ela será eficaz para produzir o reforço apenas em uma pequena parcela delas [...] Portanto, três termos devem ser considerados: um estímulo discriminativo prévio (SD), a resposta (R^o) e o estímulo reforçador (S1). A relação entre eles pode ser formulada como segue: apenas em presença de SD é que uma R^o é seguida de S'. (SKINNER, 1938 apud CATANIA, 1999, p. 178).

Neste sentido, esta relação de três termos denomina-se por contingência, que é a relação de interdependência entre um evento antecedente, uma resposta e uma

consequência. É a partir desta relação completa que podemos analisar o comportamento funcionalmente.

Existe uma distinção na Análise do Comportamento entre função e topografia do comportamento. A topografia se refere à forma e estrutura do comportamento, ou seja, o que conseguimos observar diretamente. Barboza e Fermoseli (2012) afirmam que a análise topográfica do comportamento dá indícios sobre o mesmo, porém é difícil, por meio dela, compreendê-lo de forma mais completa. Já a análise funcional vai mais além. Esta busca entender as variáveis determinantes do comportamento que estão implícitas na topografia. Assim, o analista do comportamento, segundo Moreira e Medeiros (2007), deve analisar o comportamento de maneira funcional e não apenas topográfica.

Podemos citar um exemplo de dois professores que lecionam a mesma disciplina e com idêntico tempo de formação acadêmica (topografias semelhantes). Porém, quando perguntado o porquê de estarem engajados nessa profissão, um responde que lhe garante uma estabilidade financeira e o outro responde que é porque há grande satisfação de sua parte vê o aprendizado de seus alunos, independentemente de condição financeira (funções diferentes). Percebe-se neste exemplo que comportamentos semelhantes são determinados por diferentes variáveis, tornando assim cada situação com a sua função específica. A Análise do Comportamento, então, busca primordialmente formular intervenções com base na função do comportamento.

Portanto, fornecendo um olhar funcional sobre comportamentos de alunos com dificuldades no desempenho escolar, podem-se desmistificar alguns conceitos apresentados em outros discursos, como: “desmotivação do aluno”, “falta de compromisso”, “mau comportamento” etc.

4 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: UM OLHAR FUNCIONAL

No ambiente escolar, diz-se algumas vezes que muitos alunos são considerados incapazes de aprender determinadas tarefas e, na maioria das vezes, estes são os próprios culpados pelo fracasso escolar, passando a ser rotulados como “indiferentes”, “desmotivados”, “sem interesse” etc. Esta culpabilização, corriqueiramente, vem dos próprios agentes de ensino.

Diante disso, cabe-se perguntar: será o aluno responsável pelo seu fracasso? Existe um motivo interno para que ele não se engaje ou não consiga se empenhar no que é proposto pela escola?

Gioia e Fonai (2007) relataram que na maioria das vezes os professores atribuem o mau desempenho escolar a fatores internos ao aluno e também externos à sua própria atuação, por exemplo: à família do aluno, sua maturidade, motivação, saúde, inteligência, entre outros. Nesse sentido, agentes educadores não buscam variáveis que realmente interferem no mau aprendizado; há uma grande economia de esforço apenas julgando o aluno. Se o aluno não seguir um padrão igual ao de outros da sua faixa etária, este é considerado “o problemático”.

Estudos têm mostrado que, com frequência, os professores realizam um trabalho pedagógico que desconsidera o estágio em que se encontra cada aluno, as dificuldades específicas de cada um. A escola organiza toda a atividade pedagógica, desde a elaboração do currículo até o processo de avaliação, com base em um padrão de aluno típico das camadas médias, sem flexibilizá-lo ou levar em conta a diversidade das crianças. (PEREIRA; MARINOTTI; LUNA, 2004, p. 15).

É constatado que há uma homogeneização no processo de ensino, desconsiderando que todo ser é único, tendo seu próprio repertório comportamental, seu próprio ritmo e história de aprendizagem (COSTA; FERMOSELI; LOPES, 2014). "Cada aluno deve ser avaliado individualmente, e o planejamento de ensino deve ser, tanto quanto possível, flexível para atender as necessidades individuais" (HENKLAIN; CARMO, 2013, p. 712). Portanto, o professor deve adequar-se às peculiaridades do aluno e não o contrário.

Henklain e Carmo (2013) sugerem alguns passos a serem seguidos para a identificação de possíveis variáveis que estão interferindo no repertório comportamental do aluno, assim, podendo analisar as contingências que estão afetando tais comportamentos: 1) deve-se conhecer o máximo possível sobre o aluno; 2) Investigar como se dá seu repertório acadêmico e interação social; 3) o que o aluno sabe fazer; 4) o que se pretende ensiná-lo; 5) o que o aluno gosta de fazer e 6) em que contexto social está inserido. Estes autores ainda acrescentam que não se deve apenas conhecer o aluno somente no período letivo, a busca deve ser em todo seu repertório social e acadêmico.

Ao fazer essa investigação de maneira minuciosa, pode-se verificar onde realmente está o problema, pois um conjunto de variáveis mais complexas pode estar exercendo influência neste processo (como no caso da dislexia, do TDAH etc., onde existe uma interação entre fatores genéticos e comportamentais). Há outros casos em que, por exemplo, observamos dificuldades somente de ordem biológica (como problemas de visão, audição etc.), ou de ordem ambiental (quando, por exemplo, mudanças na metodologia do sistema de ensino já produzem resultados satisfatórios).

Com relação às variáveis genéticas e comportamentais, Hubner e Marinotti (2004) afirmam que, em alguns casos, pais e professores podem preferir uma intervenção medicamentosa à comportamental. Este fato se dá devido à medicação produzir alterações no comportamento da criança na redução de comportamentos indesejáveis, como os impulsivos e disruptivos, tendo assim resultados imediatos (apenas quando o medicamento está em ação). Porém, a medicação não instala repertórios desejáveis nem ensina habilidades de autocontrole.

É comum que para a Análise do Comportamento a primeira escolha seja a intervenção comportamental, uma vez que o sujeito aprende a se relacionar com o ambiente de forma mais eficaz, sem a necessidade de mecanismos externos que ajam como suporte (nesse caso, o uso da medicação). Sem necessidade de medicação (enquanto

primeira escolha), uma mudança significativa é produzida e ao mesmo tempo consegue-se evitar fatores colaterais (dependência química, por exemplo). Porém, quando existe a escolha por tratamento medicamentoso, uma retirada gradativa deve ser programada, para que o indivíduo consiga desenvolver estratégias de autogerenciamento, fazendo então com que, em longo prazo, o uso de medicação não seja mais necessário.

Para a Análise do Comportamento, independentemente de qual seja o problema, este não ocorre de forma isolada, dentro da mente do sujeito, como uma forma intencional de não “querer” aprender. Atribuições mentalistas são incompatíveis com a de uma ciência do comportamento, apenas dificultando a busca das verdadeiras variáveis das quais o comportamento é função. Skinner (1974, p. 17) é bem contundente quando menciona este aspecto, afirmando:

As explicações mentalistas acalmam a curiosidade e paralisam a pesquisa. É tão fácil observar sentimentos e estados mentais, num momento e num lugar, que fazem parecer sejam elas as causas, que não nos sentimos inclinados a prosseguir na investigação. Uma vez, porém, que se começa a estudar o ambiente, sua importância não pode mais ser negada.

Vale ressaltar que não há uma negação na Análise do Comportamento relacionada a eventos internos ao sujeito. Sentimentos, pensamentos, criatividade, fantasias são estudados por esta ciência, pois estes fatores também são comportamentos (RODRIGUES, 2006). Porém, a diferença é que estes não são considerados causas para ações e sim resultado da interação do sujeito com o seu meio.

É nessa interação que está a maior parte das dificuldades dos alunos. Até que variáveis orgânicas influenciem no estabelecimento destas dificuldades, estas também fazem parte deste processo. É preciso, então, que a agência educacional se adeque ao modo de se comportar de cada aluno, de acordo com o seu ritmo e, arranjando as contingências adequadas à facilitação do seu aprendizado, por mais complexas que algumas dificuldades de aprendizagem possam parecer.

Quanto piores forem as condições que o aluno traz para a escola (sejam elas acadêmicas, sociais ou familiares), maior a necessidade que ele tem da escola e de um ensino que considere seus déficits. É fundamental que o professor conheça estes déficits e os leve em conta ao planejar e conduzir o ensino, mas de nada adiantará que ele transforme estas condições em razões pelas quais o aluno “não aprenderá mesmo!” (PEREIRA; MARINOTTI; LUNA, 2004, p. 30).

Dessa maneira, faz-se necessária uma boa qualificação por parte do professor e de outros agentes educadores para programar condições de ensino de acordo com a demanda do aluno. O professor então deixa de basear seu ensino em métodos

que apenas ele acha eficaz e o apropria para a eficácia do aluno. Assim, o professor se desvincula de seu modelo mecânico, que segundo Barboza e Fermoseli (2012) apenas implanta conhecimentos e atenta ao fato de que o ensino é um processo de facilitação de aprendizagem.

Outro ponto a ser enfatizado para ocorrência de dificuldades de aprendizagem é a utilização do controle aversivo por parte dos educadores. Este, muitas vezes, é usado em forma de repreensões verbais, diante do não cumprimento de uma determinada tarefa. Skinner (1972), em seu livro *Tecnologia de Ensino*, chama a atenção, afirmando que o uso da punição é um dos maiores responsáveis pelo insucesso escolar, pois isso gera fuga e esquiva do ambiente de ensino. Então, o aluno trabalha na escola apenas para escapar do controle aversivo, utilizando de meios como chegar atrasado, baixa colaboração ou até permanecendo totalmente ausente da escola (SKINNER, 1972).

A utilização da punição, segundo Skinner (2003-1953), também envolve alguns subprodutos, tais como: eliciação de comportamentos emocionais indesejáveis, gerando aceleração do batimento cardíaco, aumento da pressão sanguínea etc. Além disso, a partir do uso da punição, o próprio emissor (no caso o professor) pode tornar-se um estímulo aversivo condicionado, uma vez que a simples presença do professor pode gerar estas reações emocionais.

Skinner também afirma que a punição pode afetar outras respostas de uma mesma classe. Por exemplo, um aluno pode dar uma resposta inadequada a uma pergunta feita em sala de aula e se o professor estabelece uma situação aversiva após a emissão deste comportamento, outras respostas que estão dentro da mesma classe de respostas podem estar sendo punidas, como “falar em sala de aula, na frente de outros professores”. Isso pode afetar diretamente o rendimento do aluno em sala de aula. Luna (2000 apud HENKLAIN; CARMO, 2013, p. 717), afirmam que é preciso considerar quatro argumentos contra o uso da punição:

[...] (a) pode ter efeito apenas temporário, de modo que o comportamento punido voltará a ocorrer quando a estimulação aversiva terminar; (b) pode produzir efeitos colaterais indesejados, como esquiva e fuga das situações de ensino e, inclusive, da escola, como também pode gerar respostas emocionais, algumas delas componentes da ansiedade; (c) a punição não tem papel instrutivo, pois punir indica o que está errado, mas não o que é o certo; (d) a punição geralmente beneficia mais o agente punidor do que a pessoa punida; se o comportamento do aluno esta sendo aversivo para o professor, puni-lo pode reforçar o comportamento do professor de brigar, tirar ponto, passar tarefas extras etc.

Desse modo, percebe-se que, na grande maioria dos casos, respostas classificadas como “falta de interesse” e “baixa motivação” são emitidas pelos alunos de acordo

com as condições que lhe são oferecidas, tanto em sala de aula como em seu ambiente social e não porque existe uma mente dentro do sujeito impulsionando seus atos.

Além disso, é comum observarmos situações nas escolas nas quais professores passam a ficar mais sob controle dos erros do aluno, negligenciando os acertos. A grande atenção negativa dada a um erro pode ser considerada aversiva ao aluno, inibindo assim a emissão de comportamentos favoráveis para o seu aprendizado. O que Carmo (2003) vem salientar é que não se deve atentar apenas pela topografia de um erro, mas desvelar o que está por trás desse erro.

Carmo (2003) afirma, ainda que não seja o erro em si a fazer com que o aluno passe a não se comportar de maneira assertiva, mas sim a consequência que se dá a esse erro. Quando há grande quantidade de consequências aversivas, além de desmotivar o aluno para suas tarefas, este é categorizado como “portador de dificuldades de aprendizagem”. Portanto, “Torna-se fundamental que professores atentem mais aos acertos dos alunos do que seus erros” (CASTILHO et al., 2013, p. 568).

Com relação a esta forma de categorização, Carmo (2003) relatou que fez um exercício de análise dos erros de uma aluna da 3ª série do ensino fundamental, que foi rotulada como portadora de dificuldade de aprendizagem por parte da professora. Isso fez exigir da escola um atendimento especializado. A professora relatava que a aluna, quando escrevia, trocava as palavras que continham a sílaba “NHA” por “NLNA”.

A primeira etapa para a intervenção foi observar minuciosamente como a criança realizava os exercícios de escrita; o que fez confirmar o que a professora alegava. No lugar da criança escrever FARINHA, esta escrevia FARINLNA, e no lugar de COZINHA, escrevia COZINLNA.

A outra etapa foi investigar sua história de aprendizagem desde a alfabetização. Feito isso, além de identificar que era a primeira vez que a aluna lidava com letras de forma, foi constatado que quando ensinada pela professora da alfabetização, esta a ensinou, de maneira cursiva, que a letra “h” era a junção das letras “l” com “n”. Dessa forma, quando era pedido para aluna escrever com letra de forma palavras que continham “H”, ela passou a unir “L” e “N” para formar o “H”. A não familiaridade com a nova maneira de escrever também contribuiu para este “erro”.

A partir desta intervenção, nota-se que quando se faz uma análise detalhada do ambiente onde o aluno está inserido, entende-se claramente o motivo dos problemas de aprendizagem, o que muitas vezes não é feito por algumas instituições que atribuem as causas da “ineficácia” ao aluno.

Contudo, para responder aos questionamentos do início deste tópico, cabe instigar com mais perguntas: o sistema de ensino adequa sua metodologia às necessidades de cada aluno? O professor investiga toda a sua história de aprendizagem?

Diante do exposto, a Análise do Comportamento procura analisar funcionalmente as contingências que envolvem estes comportamentos considerados indesejados, verificando as variáveis que determinam a conduta tanto de quem ensina, como de quem é ensinado. Matos (1999) afirma que uma análise funcional nada mais é do que uma análise de contingências responsáveis por determinados comporta-

mentos, levando em conta aspectos do ambiente onde os comportamentos ocorrem e a função que estes têm naquele ambiente.

Matos (1999) ainda relata que um comportamento considerado estranho não deve ser estabelecido como patológico, pois para o analista do comportamento, se ele ocorre é porque possui alguma função no ambiente, por ter sido selecionado por meio de contingências de reforçamento. Corroborando essa linha de pensamento, Carmo (2003, p. 397) afirma que a busca por variáveis responsáveis pelo comportamento numa análise de contingências “poderá fornecer informações relevantes não apenas sobre o repertório do indivíduo, mas, sobretudo, acerca da adequação ou inadequação da programação de ensino”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi descrito no decorrer deste trabalho, percebe-se o quanto a Análise do Comportamento tem a oferecer com explicações baseadas na análise de contingências. Embora exista grande contribuição concernente às dificuldades de aprendizagem, há grande resistência por parte de alguns profissionais, especificamente da Psicologia, na busca de um conhecimento de maneira aprofundada nos princípios desta abordagem. Isso é perceptível tanto nas universidades, como também nos próprios livros sobre Psicologia e Educação. Ao se falar sobre a ciência do comportamento, não é raro ver casos onde se consultam fontes secundárias, facilitando assim a disseminação de visões distorcidas sobre a Análise do Comportamento.

Diante destas afirmações, foi pretendido apresentar propostas, baseadas na literatura da Psicologia Comportamental, que podem servir de inspiração para profissionais quanto à busca de sugestões baseadas em evidências, podendo, de maneira mais efetiva, gerar progressos para alunos com dificuldades de aprendizagem, a partir da análise de variáveis ambientais (e de sua subsequente modificação) com o objetivo de potencializar o aprendizado.

Espera-se, então, que este trabalho possa influenciar seguidores desta abordagem na pesquisa de temas mais específicos, relacionando-o com casos de alunos que apresentam dificuldades geradas por uma interação entre fatores biológicos e comportamentais, tais como dislexia, dislalia etc., e que, portanto, exigem análises mais detalhadas a respeito de suas múltiplas causas.

REFERÊNCIAS

BARBOZA, A.A.; FERMOSELI, A.F.O. **Metodologia de ensino e comportamento verbal**: a percepção de estudantes de uma instituição de ensino superior sobre o processo de ensino à luz da análise do comportamento. 2012. 55f. Monografia (Trabalho de conclusão de curso) – Faculdade Integrada Tiradentes, Alagoas, 2012.

BAUM, W.M. **Compreender o behaviorismo**: comportamento, cultura e evolução. Tradução de Maria Teresa Araújo Silva *et al.* 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CARMO, J.S. Dificuldades de aprendizagem ou dificuldade de ensino? Algumas contribuições da análise do comportamento. In: BRANDÃO, M.L.S. *et al.* (Org.). **Sobre comportamento e cognição: A história e os avanços, a seleção por consequências em ação**. V.11. Santo André-SP: ESEtec, 2003. p.396-401.

CASTILHO, A.C. et al. Análise do comportamento e educação: pensando a educação inclusiva. **VIII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores Em Educação Especial**. Londrina. ISSN 2175-960X. 2013. p.564-575.

CATANIA, A.C. **Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição**. 4.ed. Porto Alegre- RS: Artmed, 1999.

COSTA, Y.H.S.; FERMOSELI, A.F.O.; LOPES, A.P. Análise do comportamento no processo de ensino-aprendizagem na educação. **Caderno de graduação: Ciências biológicas e da saúde**, Maceió, v.2, n.1, p. 213-226, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitsbiosauade/article/view/1414/776>>. Acesso em: 1 out. 2016.

FUNDAÇÃO LEMANN E MERITT. **QEdU.org.br**. 2011. Disponível em: <<http://www.qedu.org.br/estado/102-alagoas/pessoas/professor>>. Acesso em: 5 out. 2016.

GIOIA, P.S. A exclusão da análise do comportamento da escola: o que o livro didático de psicologia tem a ver com isso? In: HUBNER, M.M.C., MARINOTTI, M. (Org.). **Análise do comportamento para a educação: contribuições recentes**. Santo André: Esetec, 2004. p.49-64.

GIOIA, P.S.; FONAI, A.C.V. A preparação do professor em análise do comportamento. **Psic. da Ed.** São Paulo, p. 179-190, 2007.

HENKLAIN, M.H.O; CARMO, J.S. Contribuições da Análise do comportamento à educação: um convite ao diálogo. **Cadernos de Pesquisa**, v.43 n.149, p.704-723, 2013.

HUBNER, M.M.C.; MARINOTTI, M.; Revisitando diagnósticos clássicos relativos às Dificuldades de Aprendizagem. In: HUBNER, M.M.C., MARINOTTI, M. (Org.). **Análise do comportamento para a educação: contribuições recentes**. Santo André: Esetec, 2004. p.307-317.

MATOS, M.A. Análise funcional do comportamento. **Rev. Estudos de Psicologia**. PUC – Campinas, v.16, n.3, p.8-18, 1999.

MENDES, K.D.S; SILVEIRA, R.C.C.P; GALVAO, C.M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem.

Textocontexto - enferm., Florianópolis, v.17, n.4, p.758-764, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 set. 2016.

MOREIRA, M.B.; MEDEIROS, C.A. **Princípios básicos de análise do comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MOREIRA, M.B.; HANNA, E.S. Bases filosóficas e noção de ciência em análise do comportamento. In: HÜBNER, M.C.; MOREIRA, M.B (Org.). **Fundamentos de psicologia**: Temas clássicos da psicologia sob a ótica da análise do comportamento. Rio de Janeiro: Guanabara Koongan, 2013. p.1-18.

PEREIRA, M.E.M.; MARINOTTI, M.; LUNA, S.V. O compromisso do professor com a aprendizagem do aluno: contribuições da análise do comportamento. In: HUBNER, M.M.C., MARINOTTI, M. (Org.). **Análise do comportamento para a educação**: contribuições recentes. Santo André: Esetec. 2004. p.11-32

RODRIGUES, M.E. Behaviorismo: Mitos, discordâncias, conceitos e preconceitos. **EducereetEducare**: Revista de educação, Unioeste/Cascavel, v.1, n.2, p.141-164, jul-dez. 2006.

SKINNER, B.F. **Verbal behavior**. New Jersey: Prentice Hall, 1957.

SKINNER, B.F. **Tecnologia de ensino**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972.

SKINNER, B.F. **Sobre o behaviorismo**. Tradução de Maria da Penha Villa lobos. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1974.

SKINNER, B.F. **Ciência e comportamento humano**. 11.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Trabalho original publicado em 1953).

SKINNER, B.F. Seleção por consequências. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v.IX, n.1, p.129-137, 2007. ISSN 1517-5545. (Trabalho original publicado em 1981).

Data do recebimento: 25 de Junho de 2017

Data da avaliação: 13 de Julho de 2017

Data de aceite: 20 de Agosto de 2017

1 Aluno do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: yrlanhenriquepsic@gmail.com.

2 Doutorando em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento, pela Universidade Federal do Pará – UFPA; Membro do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino (INCT-ECCE). Email: adrianobarboza1@gmail.com.

3 Doutor em Psicobiologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/ Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP); Professor Titular II do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: afermoseli@hotmail.com.